

MENDONÇA, Gabriel ¹

MENDONÇA, Elaine ²

LIMA, Thalita ³

RESUMO: A formação de professores na educação infantil para alunos autistas representa um campo de estudos e práticas as quais atendem à necessidade de promover uma educação eficaz e de qualidade para discentes típicos e atípicos. O presente trabalho tem por objetivo compreender e descrever os desafios enfrentados pelos docentes no ensino e aprendizagem de crianças autistas na educação infantil e propor possíveis estratégias e recursos tecnológicos contribuindo para um aprendizado significativo. Este trabalho fundamenta-se nas contribuições de Montessori (1995), Nunes, Azevedo, Schmidt (2013), Padilha, Vera Cruz (2021) os quais perpassam por discussões sobre o autismo e a educação inclusiva, além de outros autores importantes para a temática escolhida. O percurso metodológico consiste em uma pesquisa de campo com uma abordagem de cunho quali-quantitativo no viés descritivo explicativo como método participativo e uma abordagem colaborativa e método dedutivo, para a análise dos dados serão utilizados como instrumentos de coleta entrevista com questões abertas e fechadas e formulários semiestruturadas disponíveis no formato on-line, o locus da pesquisa consiste na realidade de escolas públicas e privadas com professores da educação infantil. Como resultado, por essa ser uma pesquisa em andamento, espera-se contemplar, além das discussões acerca da formação inicial e continuada dos docentes no ensino de crianças autistas, perspectivas sobre as estratégias e práticas pedagógicas inovadoras para atender as necessidades específicas desses alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; Autismo; Formação docente; Educação infantil.

1 INTRODUÇÃO

A formação de professores na educação infantil para alunos autistas representa um campo de estudos e práticas as quais atendem às necessidades de promover uma educação eficaz e de qualidade para discentes típicos e atípicos. No Brasil, discute-se há tempos a educação de pessoas com deficiência no sistema educacional brasileiro e a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). O tema ganhou mais visibilidade e relevância nos últimos anos e, tem mobilizado diversos profissionais da educação, de acordo com pesquisas do Censo de Educação

¹ Licenciado em Letras Português pela Universidade Federal Rural da Amazônia, UFRA, *Campus* Belém, gabriel.mendonca@discente.ufra.edu.br;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará, UEPA, *Campus* Belém, siqueiraelaine82@email.com;

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará, UEPA, *Campus* Belém, thalitapriscilasilva@gmail.com.

Basicamente, houve um aumento de 50% no número de crianças e adolescentes com autismo matriculados nas escolas públicas e privadas em salas regulares.

Diante disso, observa-se que a implementação de políticas educacionais inclusivas está no rol das discussões sobre a necessidade de conscientizar profissionais acerca de suas práticas pedagógicas para atender ao público-alvo da educação especial. A formação docente, tanto inicial quanto continuada desempenha um papel fundamental da construção de práticas pedagógicas. No entanto, há relatos das dificuldades enfrentadas pelos professores em adaptar metodologias, recursos e estratégias para atender as necessidades específicas desse aluno, por exemplo, a elaboração do plano individual especializado (PDI) o qual deve ser construído por docentes da sala regular e do atendimento educacional especializado (AEE).

Entende-se que o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado pelo prejuízo na interação social, nas habilidades da comunicação verbal e não verbal, comportamentos estereotipados e interesses restritos. Sob essa ótica, convém salientar que essa realidade desencadeia questões importantes tais como a eficácia da formação inicial e continuada de professores, uma visão que buscaremos tecer discussões para compreender a maneira que os profissionais dedicam-se a atender esse público. Vale ressaltar que as escolas, em sua construção política pedagógica promovem ações constantes de formação e qualificação docente, principalmente, no ensino de alunos autistas, a considerar o aumento exponencial como supracitado.

Isso implica dizer que os educadores encontram desafios relacionados ao suporte oferecido pelas escolas, pois não se tem em muitos casos estruturas e recursos para promover uma aprendizagem significativa, além da ausência massiva de profissionais especializados no atendimento educacional. Nisso, vê-se o reflexo diretamente na qualidade de ensino ofertada aos alunos autistas. Assim, reitera-se a necessidade de articular estratégias para promover o ensino e aprendizados dos alunos, bem como a conscientização de que todos têm direitos e acesso à educação, independentemente de sua condição neurológica, física ou social.

Portanto, compreende-se que no contexto atual a temática perpassa pela formação dos professores os quais precisam auxiliar esses alunos, e proporcionar uma aprendizagem de modo que se tornem proveitosas e prazerosas para uma prática docente mais efetiva.

Este trabalho configura-se em uma pesquisa de campo de cunho quali-quantitativo, no viés descritivo com uma abordagem colaborativa e método dedutivo, o objetivo é identificar problemas desenvolver soluções e promove ações. As etapas da pesquisa consistem na aplicação de formulários semiestruturadas no formato on-line e entrevista com questões abertas e fechadas de maneira presencial para docentes da educação infantil. O corpus da pesquisa versa pela análise do percurso formativo dos docentes, bem como métodos e práticas de ensino utilizadas com alunos autistas. Procura-se coletar nas amostragens, as bases formativas dos profissionais da educação na perspectiva da formação inicial e continuada acerca do ensino de alunos com autismo. O locus da pesquisa perpassa pela realidade da escolas públicas e privadas com professores da educação infantil.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Espera-se que ao longo dessa construção os resultados coletados possam comprovar o que se observa no teor teórico, porquanto o ensino e a aprendizagem na educação infantil devem ser processos os quais conferem o desenvolvimento integral da criança. Vejamos que a fase, de 0 a 5 anos, por exemplo, tem como principal objetivo promover o desenvolvimento cognitivo, socioemocional, motor e linguístico nas crianças por meio de experiências significativas. Logo, cabe ao professor adotar métodos que contemplem o processo de ensino e aprendizagem dos alunos com TEA.

Formação docente e suas contribuições no ensino de alunos autistas

Ao trata sobre a formação docente vale ressaltar que o grande aspecto do educador nessa fase é o respeito ao ritmo de cada criança e assim prepará-las para adquirir conhecimentos de acordo com suas especificidades. Nesse sentido, Maria Montessori (1985, p.161) discorre sobre que o adulto precisa se ajustar às demandas das crianças, e promover sua autonomia e não atuando como um impedimento, tampouco assumindo o seu lugar nas atividades que favorecem o seu avanço educacional. Dessa forma, para que o docente construa esse aprendizado autônomo e empático, considera-se às características dos alunos autistas no ambiente escolar e,

principalmente, da sala de aula. É imprescindível que o profissional conheça o que configura o Transtorno do Espectro do Autismo e quais recursos e metodologias pode utilizar para construir um ensino que trabalhe o desenvolvimento cognitivo, socioemocional, motor e linguístico desse alunado. Cabe destacar ainda, que o professor se torna um mediador entre esse aluno com o espectro e o ambiente escolar. Assim, através da mediação, o método de internalização do aprendizado pode ser formalizado.

Esse processo é crucial para o ensino do indivíduo e o aprimoramento de suas funções psicológicas mais elevadas, porquanto, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores ocorre por meio de um processo interpessoal, ou seja, tem início na relação com o mundo social. Nesse sentido, ocorre no primeiro momento, entre as pessoas, o que seria o (processo interpsicológico), para, depois, as funções psicológicas serem internalizadas e se modificarem num processo intrapsicológico, interno ou intrapessoal. Esses dois processos, interpessoal e intrapessoal, ocorrem num movimento de idas e voltas, proporcionadas pela interação do indivíduo com seu meio social ao qual este venha pertencer. Isto é, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores acontece, ao mesmo tempo, do exterior para o interior do indivíduo e vice-versa (VYGOTSKY, 2015a, p. 51).

Logo, cabe destacar a importância desse professor no desenvolvimento do aluno autista através da relação interpessoal, visto que essa inserção escolar torna-se desafiadora por envolver questões comportamentais, sociais e afetivas. Nunes, Azevedo e Schmidt (2013) observaram que houve um grande aumento no número de alunos com autismo na educação regular como resultado do fechamento de escolas especiais e da disseminação mais ampla de informações sobre políticas inclusivas. No entanto, isso não muda o fato de que, em meio aos princípios muito necessários que sustentam a inclusão, ainda há muitas dúvidas de pais e professores sobre sua eficácia. Como tal, alguns estudos indicaram deficiências na prática educacional em relação a esses alunos.

O ensino e aprendizagem: desafios e perspectivas

Ademais, é importante destacar que embora os desafios da política inclusiva não possam ser atribuídos exclusivamente aos professores, pois, sozinhos, eles

enfrentam dificuldades diante da complexidade da educação especial, seu papel é essencial para a promoção e concretização da inclusão educacional. Estudos sobre as percepções e atitudes dos docentes indicam que muitos se sentem despreparados e carecem de capacitação adequada para atuar de maneira mais eficaz no ensino inclusivo, (Vieira, 2014).

Dessa forma, é importante que além da formação inicial, o professor procure aprimorar sua capacitação continuada para subsidiar um ensino verdadeiramente inclusivo, uma vez que as atividades que não atraem a atenção destas crianças e adolescentes, ao mesmo tempo em que são fundamentais para sua aprendizagem, não são realizadas, (Silva, Santiago e Oliveira, 2020). Diante desse fato, ainda é válido ressaltar que diversos fatores influenciam a postura dos professores em relação à inclusão escolar, a saber, aspectos estruturais, materiais e currículos.

Embora a formação inicial, continuada e uma atitude positiva sejam indispensáveis para o sucesso da inclusão, elas, por si só, não garantem resultados satisfatórios. Assim, é fundamental que os educadores tenham acesso a materiais adequados, recebam suporte de uma equipe especializada e se comprometam verdadeiramente com essa causa, (Omote; Fonseca-Janes; Vieira, 2024).

Adaptação de metodologias para o ensino

Também é de relevância ressaltar que os recursos adaptados são principais métodos de internalizar o ensino para o aluno com TEA. Sendo assim, as Tecnologias Assistivas (TA) configuram em um campo de conhecimento de caráter interdisciplinar cuja finalidade é assegurar maior autonomia e inclusividade para as pessoas com deficiências, propiciando-lhes qualidade de vida através de recursos, estratégias e metodologias, (Ferroni; Gasparetto, 2012).

Além disso, a ludicidade é uma abordagem que ajuda a tornar o processo de aprendizagem e ensino mais acessível e significativo à criança, desenvolvendo o cognitivo, além, de um vínculo afetivo e emocional, considerando suas habilidades e potencialidades, (Figueirêdo, Vasconcelos, 2019). Logo, os recursos adaptados respeitam as necessidades sensoriais, cognitivas e emocionais, e é capaz de promover um ensino e aprendizagem mais acessível e eficaz para o aluno com autismo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, entende-se que a formação docente seja inicial ou continuada perpassa por discussões as quais tornam-se indispensáveis ao considerar e validar o ensino e aprendizagem de crianças autistas. Este trabalho busca tecer discussões e reflexões acerca do ensino e aprendizado dos alunos autistas, os quais carecem de estratégias específicas no seu processo formativo. Isso, proporciona uma melhor ampliação nas concepções profissionais, pois embora muito dialogue-se acerca da temática, é indispensável perceber a formação do profissional o qual atua na sala de aula regular. Com base no aporte teórico apresentado, o trabalho que ainda segue em construção, propõe uma reflexão nesse ensino, o qual precisa-se compreender que a educação inclusiva carece de estratégias e metodologias capazes de despertar o interesse dos alunos público-alvo da educação especial, bem como sinalize ao docente que seu fazer pedagógico gera impactos positivos na aprendizagem desses discentes.

Assim, espera-se que as explanações ponderadas sejam capazes de proporcionar para além das reflexões, ações de maneira que possam intervir no ambiente educacional, sejam na figura das coordenações pedagógicas ou nas ações dos docentes em sala de aula, pois essa é uma forma de promover uma discussão saudável e passível de intervenções no contexto do ambiente escolar.

5 AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao I Congresso Amazônico de Pedagogia (I CONAPE), realizado pelo Instituto Federal de Rondônia campus Porto Velho Zona Norte (IFRO), pelo amplo espaço de discussão que enriquece nossa percepção profissional e acadêmica. Agradecemos a Universidade do Estado do Pará (UEPA) por nos proporcionar uma formação ímpar e impulsionadora e a Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) que tão unicamente formam profissionais excelentes e comprometidos com a produção de ciência no cerne da educação.

REFERÊNCIAS

FERRONI, M.C.; GASPARETTO, M.E.; **Escolares com baixa visão: Percepção**

sobre as dificuldades visuais, opinião sobre as relações com comunidade escolar e o uso de recursos de tecnologia assistiva nas atividades cotidianas 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/rbee/b3nNsTzt87gtLc9gctJFzRL/abstract/?lang=pt>. em: 01 de fev. 2025. Acesso

MONTESORI, Maria. *Pedagogia Científica: A descoberta da nova criança* – (tradução de AuryAzélioBrunetti). São Paulo: **Flamboyant**, 1965.

NUNES, D. R. de P.; AZEVEDO, M. Q. O.; SCHMIDT, C. Inclusão educacional de pessoas com autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Revista Educação Especial, Santa Maria**, v. 26, n. 47, p. 557-572, set./dez. 2013. Disponível em: . Acesso em: 2 de fev. 2025.

OMOTE, S.; FONSECA-JANES, C. R. X.; VIEIRA, C. M. **Variáveis pessoais do professor e suas relações com a classe**. In: OMOTE, S. et al. (Ed.). Reflexiones internacionales sobre la formación de profesores para la atención a los alumnos con necesidades educativas especiales. Alcalá: Universidade de Alcalá; Marília: Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, 2014. p. 149-178. (Obras Colectivas Ciências de La Educación, 18).

PADILHA, Jewson; VERA CRUZ, Thaís da Silva. **Inclusão de Estudantes com Necessidades Específicas: Desafios e Estratégias**. Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 2021.

SILVA, R. R. D. L.; SANTIAGO, C. B. S.; OLIVEIRA, A. F. T. M.; **A inclusão do aluno autista: Um estudo sobre as adaptações curriculares**. Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e do Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, 2020. Disponível em: <https://periódicos.ufes.br/snee/article/view/34325>. Acesso em: 01 de fev. 2025. 13.

VIEIRA, C. M. **Atitudes sociais em relação à inclusão: efeitos da capacitação de professores para ministrar programa informativo aos alunos**. 2014. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, (2015a).